

# Madeira, Guiana Inglesa e Canadá

## Um estudo histórico pioneiro europeu



Créditos: DR

**Estudos sobre a imigração portuguesa para o Canadá, assumem grande importância para os arquivos da Galeria dos Pioneiros Portugueses. Os arquipélagos dos Açores e da Madeira - este último, não fossem dois dos seus fundadores desta galeria, José Mário Branco e Bernardete Gouveia, naturais da ilha da Madeira - adquire, pelas suas particularidades, relevância particular.**

A relação entre a Madeira, a Guiana inglesa e o Canadá começa a tomar corpo, através de um estudo de Cristiana Bastos e João Sardinha, equipa de investigadores do projeto COLOUR: The Colour of Labour: The Racialized Lives of Migrants, um projeto que tem o apoio do European Research Council (ERC). Atualmente a visitarem algumas comunidades no Canadá, esta equipa trabalha dentro “de uma linha específica relacionada com a emigração portuguesa, sobretudo madeirenses, para Guiana Britânica. João Sardinha, membro deste grupo de investigadores/as coordenada por Cristina Bastos, centra a sua atenção nas “re-migrações de guianeses de origem portuguesa/madeirense para o Canadá durante o período de e após a independência da Guiana nos anos 60.” Para conhecer um pouco melhor este trabalho, que conta com o interesse da Galeria dos Pioneiros Portugueses, conversamos com a coordenadora da equipa, Cristina Bastos.

**MilenioStadium - Conte-nos um pouco da história de como surgiu este projeto?**

**Cristiana Bastos** - A história é muito longa, pois remonta a uma pesquisa que eu desenvolvia nos anos 2000 (há uns quinze anos) sobre medicina colonial. Não vou alongar-me nisso aqui, seria fastidioso, mas entre os vários documentos que analisei havia um par de artigos de um médico goês que me chamam a atenção; ele tinha interesse na antropologia física e nos anos 1920 fez umas mensurações antropométricas numa população luso-descendente no planalto angolano e concluiu que eles tinham evoluído, que eram o melhor exemplo de adaptação portuguesa aos trópicos.

Esse autor, Germano Correia, tinha um argumento ao contrário do que era promovido pelo mais tarde lusotropicalista Gilberto Freyre. Germano Correia dizia que os portugueses se adaptavam precisamente não se

misturando com ninguém. Enfim, nesses anos dizia-se muita coisa racista e racista, hoje em dia inaceitável. O Germano Correia era um autor próximo do eugenismo. Trabalhei-o em vários artigos, mas cansou-me conviver, ainda que em textos, com ideias tão remotamente distantes das que me orientam. Porém agarrei com o máximo interesse o caso da população que ele tinha estudado, sobre a qual não tinha quais quer pistas. Um dia, ao pesquisar no jornal da Sociedade de Geografia para o ano de 1891, encontrei o que me parecia ser uma matéria ilustrada sobre a colónia original dos tais descendentes. A partir daí fui à procura de tudo o que pude sobre esse assunto, e publiquei alguns artigos sobre isso.

**MS - O que saiu deste estudo em particular?**

**CB** - O que percebi foi que essa colonização piloto do planalto da Huila decorreu em termos muito sui generis e só com madeirenses. Puseram-se-me muitas perguntas, que não via abordadas na literatura analítica. Porquê madeirenses, porquê naquele momento (a partir de 1884-5), e por que razão os deixaram lá sem grande apoio, etc. Fazendo uma longa história curta, desenvolvi um argumento um pouco diferente do que está estabelecido. Sugerei que o que levou o governo português a promover essa colonização antecipada foi um “dois-em-um”: por um lado ocupar terras antes que outros as reclamassem; por outro desviar os madeirenses das rotas que eles já seguiam para

outros lados. Isso tornou-se ainda mais claro quando estudei uma família em particular - a de uma bebé que tinha nascido a bordo do barco que levou os madeirenses para angola. Após a publicação do primeiro artigo sobre essa biografia que reconstruí quase sem dados (apenas o nascimento e morte, pois na Humpata encontrei o que presumi ser a sua campã), fui contactada por alguns familiares. Através deles soube que quando essa menina nasceu já tinha dois irmãos natrais de Honolulu. Ou seja, os seus pais já tinha viajado entre a Madeira e Honolulu e agoa viajavam entre a Madeira e o Sul de Angola. Eram, a prova que havia muita movimentação fora dos trajectos do império colonial português propriamente dito. Aliás: muitos mais no exterior que no seu “interior”. Muitos ilheus tinham ido para as plantações de açúcar do Hawaii; e eu sabia que também tinham ido pelo menos madeirenses para as plantações da Guiana Britânica. Após uma aula que, durante o doutoramento no Estados Unidos, tive com a especialista sobre a professora Brackette Williams, que era especialista na Guiana, percebi que na Guiana Britânica, depois Guyana independente, havia todo um discurso de “nação de seis raças,” sendo os portugueses uma delas.

São conexões que persigo há muito, portanto, e ando vai para quinze anos a reunir toda a literatura que posso sobre essas deslocções, que são um lado menos conhecido da história dos portugueses.

Achei que o interesse do caso destas amplas migrações seria em si interessante para levar a cabo um projecto, e até desenvolvi, em várias versões; mas o enxugamento de verbas em Portugal, e o facto de ser um tema tão diferente de tudo o que se faz, levou a que as minhas tentativas de estudar estas deslocções dos ilheus portugueses nunca tivessem apoio da FCT.

**MS - Como ultrapassa estas dificuldades?**

**CB** - Tive a sorte de ter dois convites que me permitiram investigar ainda mais o assunto: um na cátedra Hélio and Amélia Pedrosa, na universidade de Massachusetts Dartmouth, onde trabalhei sobre a contextualização de um livro que racializava os portugueses. Este artigo já saiu no decurso do projeto por isso está em acesso aberto:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02757206.2017.1359586>;



A equipa investigadora Cristiana Bastos e João Sardinha

Ciência em Berlim, onde me concentrei nas leituras sobre racializações no século XIX e XX. Com o fôlego e ânimo que essas estadias me proporcionaram, concorri a um concurso do European Research Council. Fiz uma proposta mais ambiciosa do ponto de vista teórico e não envolvendo apenas casos portugueses. É um concurso bastante difícil, pelo que as expectativas eram baixas, mas consegui logo à primeira tentativa e pude assim formar uma equipa/laboratório com um número grande de investigadores de elevado calibre, entre os quais o João Sardinha, que já era especialista em migrações e está alocado a este tema particular que estamos a ver em Toronto: os luso-guianeses que vieram para o Canadá.

**MS - Sem dúvida que as diásporas “podem” guardar alguns segredos destes emigrantes. O Canadá tem uma importante comunidade madeirense. Todavia, este passado é desconhecido, e não celebrado neste país. Foi esquecido ou não há interesse, mesmo nas comunidades, deste interessante aspeto histórico?**

**CB** - Os Madeirenses, do Canadá, como outros portugueses que aqui estão, vieram diretamente a partir dos anos 50 (ou passaram por outros lugares que não as Antilhas/Caribe. Não têm, como quase nenhum português tem, muito conhecimento sobre a história das migrações para as plantações de açúcar no império inglês que incluía a Guiana, Barbados, Jamaica, etc. Mesmo assim, se em vez de Guiana disser Demerara, que é uma parte da Guiana, já muitos podem lembrar-se de histórias ou mesmo de parentes que para lá foram. No próximo ano vamos colaborar com o Centro de Estudos de História Atlântica, no Funchal, num grande evento sobre a diáspora madeirense nas Antilhas/Caribe, que inclui a Guiana (embora esta seja no continente). A partir daí acho que estes factos históricos ficarão mais conhecidos de todos. Ao longo do século XX os regimes portugueses tiveram tendência a apagar da história as grandes correntes migratórias para fora do país e só realçarem os feitos da navegação e do império de épocas mais remotas. Por isso a maioria dos portugueses conhece mal as diásporas -- que se traduzem em milhões de pessoas. Penso que a atitude mudou e nos últimos tempos já finalmente se celebra o dia das comunidades nas comunidades, e não nas cidades de Portugal. Não há quaisquer “segredos” - há sim múltiplas e complexas epopeias por contar, todas elas de grande intensidade e muito trabalho, de sofrimento e de alegrias. Contem connosco para ajudar a recolher os dados que estão ainda por conhecer.

**MS - Quais os aspetos mais interessantes desta migração Madeira, Guiana/Canadá?**

**CB** - Acho que só podemos apresentar esses dados depois do ciclo de entrevistas que estamos a conduzir e de avançar mais na análise. Fiquem atentos!

Humberta Araújo  
Curadora da Galeria dos  
Pioneiros Portugueses

GALLERY OF  
THE PORTUGUESE  
PIONEERS



GALERIA  
DOS PIONEIROS  
PORTUGUESES

960 St. Clair Avenue West, Toronto, Ontario  
(647) 748-0960 PioneersGallery.ca

